

II - 19 de novembro de 1958

Lição II**19 de Novembro de 1958**

Eu gostaria de pôr, primeiramente, os limites daquilo que eu gostaria de fazer hoje, quero dizer nesta lição mesmo, enunciar para vocês aquilo que lhes mostrarei hoje, e, antes de mais nada, abordando o exemplo da interpretação de um sonho, por meio do que, convencionalmente, chamamos, desde algum tempo, o grafo.

Como eu não prossigo este discurso, se assim ousar me expressar, simplesmente acima de suas cabeças, eu gostaria que se estabelecesse através dele uma certa comunicação, como se diz. Eu não fiquei sem ter eco das dificuldades que vocês mesmos já ressentiram da última vez, isto é, num momento em que estava longe de ser para todos novidade, e aquilo que a reposição deste grafo constituiu ainda para alguns, para muitos até. Ele permanece, digamos, não ainda manejável, já que, na verdade, o que não é extraordinário, este grafo, nós o construímos juntos no ano passado, isto é, aprontado progressivamente. Vocês o viram de certa forma se edificar nas necessidades de uma certa formulação centrada em volta daquilo que chamei *As formações do inconsciente*¹. Que vocês não possam, como alguns o notam, se aperceber que seu uso ainda não é, para vocês, unívoco, não é o caso de se espantar, já que, precisamente, uma parte do que nós teremos de articular este ano sobre o desejo nos mostrará a utilidade disto, e, ao mesmo tempo, nos ensinará o manejo.

Trata-se, pois, de início, de sua compreensão. É isto mesmo que parece fazer, para alguns, em diferentes graus, talvez até mesmo menos do que eles próprios o levantam, o que parece conduzir dificuldades. A propósito deste termo “compreensão” gostaria de observar-lhes, asseguro não haver aí nenhuma ironia - ser um termo problemático. Se há alguns dentre vocês que compreendem sempre, seja como for, e a todo instante, o que eles fazem, os felicito e os invejo. Não é o que corresponde, mesmo após vinte e cinco anos de prática, à minha experiência, e, na verdade, mostra-nos bastante os perigos que comporta em si mesmo o perigo da ilusão de toda compreensão, para que, penso, seja duvidoso que aquilo que procuro lhes mostrar, não é tanto mais compreender o que faço, do que sabê-lo. Não é sempre a mesma coisa, isto pode não se confundir e vocês verão justamente que há razões internas para que isto não se confunda, a saber, que vocês possam, em certos casos, saber o que fazem, saber onde estão, sem saber compreender sempre, ao menos imediatamente, do que se trata.

O grafo é feito, precisamente feito, para este uso de indicação, ele é, de imediato, destinado a alguma coisa. Eu penso hoje, se ainda houver tempo, poder começar a ver, por exemplo, como este grafo, e, creio, somente este grafo ou algo, bem entendido, análogo - não é algo uniforme, sob o qual ele possa ser apresentado, que se possa anexar - lhes parecerá de uso iminente, para distinguir, digo isto para lhes suscitar interesse, para distinguir, por exemplo, três coisas que, devo dizer, é muito freqüente que vocês confundam, ao ponto de escorregar sem precauções, de uma coisa a outra. O recalque, por exemplo... Nós teremos que dizer coisas, ou simplesmente tomá-las à maneira pela qual o próprio Freud as define: o recalque, o desejo e o inconsciente.

Refaçamo-lo ao menos, a pequenos passos, antes de colocá-lo em aplicação, para que não seja duvidoso, ao menos, quanto ao que representa aquilo que chamaremos os dois

¹ LACAN, J., Seminário VI, *As formações do inconsciente*, 1957-58. Inédito.

II - 19 de novembro de 1958

estágios, ainda que, bem entendido (e até mesmo o que seria a dificuldade para muitos dentre vocês), esses dois estágios não correspondem em nada ao que de costume lhes é apresentado ao nível daquilo que eu poderia chamar a arquitetura das funções superiores e inferiores, automatismos e funções de síntese. É justamente porque vocês não encontram que esses dois estágios lhes embarçam, e é porque vou tentar re-articulá-los diante de vocês, já que, parece, o segundo estágio da construção - estágio, evidentemente, abstratamente definido, porque como este grafo é um discurso, não podemos dizer tudo ao mesmo tempo - este segundo estágio, que não é obrigatoriamente uma segunda etapa, põe, para alguns, dificuldades.

Eu retomo, então, as coisas. Qual é o objetivo deste grafo? É mostrar as relações, para nós essenciais, na medida em que somos analistas, do sujeito falante com o significante. Afinal de contas, a questão em torno da qual se dividem esses dois estágios é a mesma para ele, o sujeito falante, (é um bom signo) é a mesma que para nós. Eu dizia há pouco: nós sabemos o que fazemos? Pois bem, ele também sabe ou não o que faz falando? O que quer dizer: poderá ele se significar eficazmente sua ação de significação? É justamente em torno desta questão que se repartem os dois estágios dos quais eu lhes digo de imediato - porque da última vez isto parece ter escapado à compreensão de alguns - eu lhes digo de imediato, o que faz pensar que eles funcionam ambos ao mesmo tempo no menor ato de palavra, e vocês verão o que eu entendo, e onde eu entendo o termo “ato de palavra”.

Em outros termos, se vocês pensam no processo do que se passa no sujeito, no sujeito enquanto intervém em sua atividade o significante, é preciso que vocês pensem isto (que eu tive a ocasião de articular para um de vocês a quem eu dava um pequeno suplemento de explicações depois do meu seminário, e se eu lhes sublinho isto, é porque meu interlocutor me fez notar o que podia ter para ele de não percebido no que eu vou lhes dizer), a saber, por exemplo, aquilo que é preciso que vocês considerem, é que os processos em questão partem ao mesmo tempo dos quatro pontos, Δ , A , D , d , isto é - vocês vão ver que é este apontamento de hoje de minha apresentação - nesta relação respectivamente, a intenção do sujeito [], o sujeito enquanto que Eu [Je] falante [A], o ato da demanda [D] e isto [X] que nós chamaremos daqui a pouco por um certo nome e que eu deixo por enquanto reservado.

Os processos são, pois, simultâneos nesses quatro trajetos: $D - \Delta - I - s(A)$. Eu penso estar bem firmado. Há, portanto, dois estágios no fato de que o sujeito faz alguma coisa que está em relação com a ação prevalecente, a estrutura prevalecente do significante. No estágio inferior ele recebe, ele sofre esta estrutura. Isto é especialmente aparente. Entendam bem tudo o que eu digo, porque isso não tem nada de improvisado, e é por isto que aqueles que tomam notas são aqueles que estão certos. Isto toma o seu valor de ser especialmente - não única mas especialmente - ilustrado. Eu quero dizer que é aí que está especialmente compreensível, mas, ao mesmo tempo, primeiramente, é isto também que pode fazer com que vocês não vejam toda a generalidade, a saber, que isto engendra certas incompreensões. Digam-se isto de imediato, cada vez que vocês entenderem, é aí que começa o perigo.

II - 19 de novembro de 1958

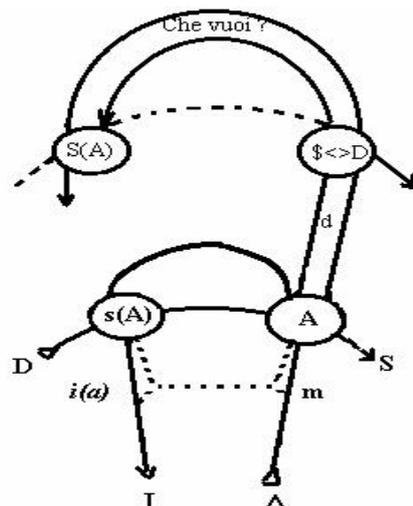


fig.5

É especialmente o que toma seu valor no contexto; eu digo contexto da demanda. É neste contexto que o sujeito enquanto aqui neste nível, neste estágio, a linha da intencionalidade do sujeito, daquilo que nós supomos ser um sujeito, um sujeito enquanto não tiver se tornado o sujeito falante, enquanto ele é o sujeito do qual se fala - o qual, direi até, se fala até aqui, pois não sei de ninguém que jamais haja bem feito a distinção como tento aqui lhes introduzir. O sujeito do conhecimento, para dizer tudo, o sujeito correlativo do objeto, o sujeito em torno do que gira a eterna questão do idealismo, e que é ele mesmo um sujeito ideal, tem sempre algo de problemático, a saber, que depois de tudo como nós o notamos, e como o seu nome o indica, ele não é senão suposto.

Não acontece o mesmo, vocês o verão, para o sujeito que fala, que se impõe com uma completa necessidade. O sujeito, portanto, no contexto da demanda, é o primeiro estado, se assim posso dizer, informe do nosso sujeito, aquele do qual nós tentamos articular por este grafo as condições de existência. Este sujeito não é outra coisa senão o sujeito da necessidade, pois é o que ele exprime na demanda, e eu não preciso retornar a isto mais uma vez. Todo meu ponto de partida consiste em mostrar como esta demanda do sujeito é, ao mesmo tempo, profundamente modificada pelo fato de que a necessidade deve passar pelos desfiles do significante.

Eu não insisto mais do que isso porque eu o suponho adquirido, mas eu quero simplesmente a esse propósito lhes fazer notar isto: que é precisamente nesta troca que se produz entre a posição primitiva inconstituída do sujeito da necessidade e as condições estruturais impostas pelo significante que reside o que se produz e que está aqui, sobre esse esquema, representado pelo fato de que a linha **D-S** está cheia até em **A**, sendo que mais adiante ela permanece fragmentada; que, inversamente, é enquanto anterior a **s(A)** que a linha de intencionalidade, no caso, do sujeito, está fragmentada e que ela só é cheia depois, digamos, especialmente, neste segmento **[s(A)I]**, e até mesmo provisoriamente, pois é secundariamente que terei de insistir nisto, neste aqui, enquanto que vocês não devem levar em conta a linha **A - m - i(a) - s(A)**.

Por que isto é dessa forma? Eu não devo me retardar eternamente sobre este grafo, ainda mais que teremos de retornar a ele. O que é que representa, em outros termos, esta continuidade da linha até este ponto **A**, que, como vocês sabem, é o lugar do código, o lugar onde jaz o tesouro da língua em sua sincronia, quero dizer a soma dos elementos taxemáticos, sem o que não há meio de comunicar entre seres que são submetidos às

condições da linguagem. O que representa a continuidade da linha **D-S** até o ponto **A** é isto: é esta sincronia da organização sistemática da língua. Eu quero dizer que sincronicamente ela é dada aí como um sistema, como um conjunto no interior do qual cada um dos elementos tem seu valor enquanto distinto dos outros, dos outros significantes, dos outros elementos do sistema. É aí que eu lhes repito, o ponto ressalta de tudo o que articulamos no que concerne à comunicação, sendo isto o que é sempre esquecido nas teorias da comunicação, aquilo que é comunicado não é o sinal de outra coisa, e é simplesmente o sinal de que aí, no seu lugar, um outro significante não é.

É da solidariedade desse sistema, sincrônico, na medida em que, apoiando-se no lugar do código, o discurso da demanda, enquanto anterior ao código, toma sua solidez. Em outros termos, na diacronia, isto é, no desenvolvimento deste discurso, aparece isto que se chama mínimo de duração exigível para a satisfação - seja ela o que chamamos uma satisfação mágica - do mínimo fim, a saber, o tempo de falar. É em razão desta relação que a linha do discurso significante, do discurso significante da demanda, dele mesmo, já que ele é composto de significantes, deveria aqui aparecer e se representar sob a forma fragmentada que vemos subsistir aqui, a saber, sob a forma de uma sucessão de elementos discretos, separados pois por intervalos. É em função da solidez sincrônica do código, ao qual esses elementos sucessivos são emprestados, que se concebe esta solidez da afirmação diacrônica e a constituição daquilo que chamamos na articulação da demanda o tempo da fórmula. Portanto, é anteriormente ao código ou aquém do código que esta linha se apresenta como contínua.

Mas, ao contrário disso, o que representa aqui o grafo pela linha fragmentada, que é aquela da intencionalidade do sujeito, o que é? Observamos que já o fato de afirmar o contexto da demanda simplifica a diversidade suposta do sujeito, a saber, isto que se apresenta como essencialmente movente, momentos, variações deste ponto. Vocês o sabem, este problema da continuidade do sujeito se apresentou já há muito tempo aos psicólogos. É, a saber, porque um ser essencialmente entregue ao que podemos chamar as intermitências - não simplesmente do coração, como se diz, mas de muitas outras coisas - pode se apresentar e se afirmar como um eu [moi]. Aí está o problema de que se trata, e seguramente já a colocação em questão de uma necessidade na demanda é algo que o simplifica, este sujeito, em relação às interferências mais ou menos caóticas, mais ou menos ocasionais entre si, das diferentes necessidades.

O que representa a aparição sobre esse esquema da forma fragmentada que representa a primeira parte da linha $\Delta - I$, aqui até este $s(A)$, é outra coisa, é a retroação sobre este domínio ao mesmo tempo contínuo e descontínuo, seguramente confusa; nós devemos supô-la ser aquela da forma primordial da manifestação primeva da tendência. É a retroação sobre ela, precisamente da forma de elementos discretos que lhe impõe o discurso, é o que ela sofre retroativamente da discursividade, é porque nesta linha, é aquém, não do código, mas da própria mensagem, que a linha aparece na sua forma fragmentada. O que se produz além é o que já sublinhei suficientemente em outros momentos, para poder passar rápido nisto agora. É isto: é a identificação que resulta do sujeito ao Outro da demanda na medida em que este é todo poderoso. Eu não penso que seja um tema sobre o qual eu precise voltar, este da onipotência, já elaborado, a palavra na experiência analítica. Com esta pequena diferença que lhes fiz notar quanto ele era abusivo de pôr na posição depreciativa que costumeiramente o psicólogo toma enquanto que sempre é mais ou menos, no sentido original do termo, um pedante, de pô-lo a cargo do

II - 19 de novembro de 1958

sujeito, sendo que a onipotência de que se trata é aquela do Outro enquanto dispõe da soma significante, simplesmente.

Em outros termos, para dar o sentimento de que nós não nos afastamos de algo concreto articulando as coisas desta forma, vou designar muito expressamente o que quero dizer por aí na evolução, no desenvolvimento, na aquisição da linguagem, nas relações criança-mãe, para dizê-lo finalmente: é muito precisamente isto, ou alguma coisa de que se trata e sobre o quê se apoia esta identificação primária que designo pelo segmento $s(A)$, significado de A , e que desemboca no primeiro núcleo - como nos expressamos correntemente na análise sobre a pena de senhor Glover, vocês verão isto articulado: “o primeiro núcleo da formação do eu [ma]”. O núcleo da identificação à qual isto desemboca, este processo, trata-se daquilo que se produz na medida em que a mãe não é simplesmente aquela que dá o seio, eu lhes disse isso, ela é também aquela que dá a assinatura [$seing$] da articulação significante, e não somente na medida em que ela fala à criança, como é bem manifesto que ela lhe fale, e bem antes que possa presumir que ela ouça qualquer coisa, da mesma forma em que ouve alguma coisa bem antes que ela nem o imagine. Mas só enquanto todos os tipos de jogos da mãe, os jogos por exemplo, de ocultação, que tão rápido desencadeiam na criança o sorriso, ou até mesmo o riso, são, propriamente falando, já uma ação simbólica ao longo da qual o que ela lhe revela é justamente a função do símbolo enquanto revelador. Ela lhe revela nestes jogos de ocultação, ao fazer desaparecer alguma coisa ou ao fazê-lo reaparecer, ao fazer desaparecer seu próprio rosto ou ao fazê-lo reaparecer, ou ao esconder a figura da criança ou ao descobri-la, e ela lhe revela a função reveladora. Já se trata de uma função no segundo grau. É no interior disto que se fazem as primeiras identificações ao que chamamos na ocasião a mãe, a mãe como toda poderosa, e vocês o vêem, isto tem um outro alcance além da pura e simples satisfação da necessidade. Passamos ao segundo estágio deste grafo, aquele portanto que na última vez, parece, pelo menos para alguns, que a apresentação produziu algumas dificuldades. Este segundo estágio do grafo é outra coisa que o sujeito enquanto passando sob os desfiles da articulação significante. É o sujeito que assume o ato de falar: é o sujeito enquanto Eu [J]. Ainda aqui me é preciso suspender algumas articulações de reserva essencial. Afinal de contas, este Eu [J], não me deterei nisso, vou lhes fazer notá-lo, na origem esse Eu [J]. Então sendo que já fiz alusão a ele em algum desenvolvimento, não é o nosso assunto, é no entanto o Eu [J] do “Eu [J] penso, portanto, eu [j] sou”. Saibam simplesmente que se trata aqui de um parêntese. Todas as dificuldades que me foram submetidas o foram a propósito do “Eu penso, logo eu sou”, a saber, que isto não tinha nenhum valor comprovante já que o Eu [J] já foi posto no “Eu [J] penso”, e que, afinal de contas, só há o *axiomaticum*, isso pensa, e, portanto, porque estaria Eu [J] aí dentro? Eu creio que todas as dificuldades aqui se levantaram precisamente desta não distinção dos dois sujeitos, tal como primeiramente eu lhes articulei. É, a saber, que mais ou menos erradamente, eu penso que mais ou menos erradamente a gente se reporta, nessa experiência à qual nos convida o filósofo, à confrontação do sujeito a um objeto - por consequência a um objeto imaginário dentre os quais não é surpreendente que o Eu [J] se revele ser um objeto dentre os outros. Se, ao contrário, nós empurramos a questão a nível do sujeito definido como falante, a questão vai tomar um outro alcance, como a fenomenologia, que vou simplesmente lhes indicar agora, vai lhes mostrar. Para aqueles que querem referências concernentes a toda essa discussão em torno do Eu [J], do cogito, eu lhes lembro que há um artigo já citado do senhor Sartre em *Recherches philosophiques*².

² SARTRE, J.-P., *La Transcendance de l'ego* (1936). Bibliothèque des textes philosophiques, Paris, 1992, J. Vrin.

O Eu [Je] de que se trata não é simplesmente o Eu [Je] articulado no discurso, o Eu [Je] enquanto se pronuncia no discurso e aquilo que os lingüistas chamam, ao menos desde de algum tempo, um *shifter*. É um semantema que não tem uso articulável senão em função do código, quero dizer em função pura e simplesmente do código articulável lexicalmente. É, a saber, que, como a experiência mais simples o mostra, o Eu [Je] não se refere nunca a alguma coisa que possa ser definida em função de outros elementos do código, portanto, um semantema, mas simplesmente em função do ato da mensagem. O Eu [Je] designa aquele que é o suporte da mensagem, isto é, alguém que varia a cada instante. Não é mais esperto que isto, mas eu lhes farei notar que o que resulta disto é que este Eu [Je] é essencialmente, portanto, distinto, a partir desse mesmo momento, como vou lhes fazer muito rapidamente sentir, daquilo que podemos chamar o sujeito verdadeiro do ato de falar enquanto tal, e é até mesmo o que dá ao discurso em Eu [Je] o mais simples, eu direi, uma presunção sempre de discurso indireto. Eu quero dizer que esse Eu[Je] poderia muito facilmente ser seguido no discurso mesmo de um parêntese: “eu (que fala)”, ou “eu (digo que)”, isto que, por sinal, é tornado muito evidente como outros o notaram antes de mim, pelo fato de que o discurso que formula “eu digo que”, e que acrescenta em seguida: “e eu o repito”, não diz neste “eu o repito” alguma coisa de inútil pois é justamente para distinguir os dois Eu [Je] que estão em questão: “aquele-que-disse-que” e aquele que adere a este que “aquele-que-disse-que” disse. Em outros termos ainda, quero simplesmente, se forem necessários outros exemplos para lhes fazer senti-lo, sugerir-lhes a diferença que há entre o Eu [Je] de “eu vos amo” ou de “eu te amo”, e o eu de “eu estou aqui”.

O Eu [Je] de que se trata é particularmente sensível (justamente em razão da estrutura que eu evoco) aí onde ele está plenamente ocultado, e aí onde ele está plenamente ocultado, nestas formas do discurso que realizam aquilo que eu chamarei a função vocativa, isto é, aquelas que não evidenciam em sua estrutura significante que o destinatário não seja absolutamente o “eu” [je]. É o Eu (Je) do: “Levanta-te e anda”; é este mesmo Eu (Je) fundamental que se encontra em qualquer forma vocativa e imperativa e num certo número de outras. Eu ponho-as todas, provisoriamente, sob o título de vocativo, é o Eu (Je), se vocês quiserem, vocativo, é o Eu (Je) do qual já lhes falei no Seminário sobre o Presidente Schreber, porque era essencial evidenciar (eu não sei se neste momento consegui plenamente, nem mesmo o retomei naquilo que dei com respeito ao resumo do meu seminário sobre o Presidente Schreber): é o Eu (Je) subjacente a este: “Tu és aquele que me seguirá”, e sobre o qual tanto insisti, e o qual vocês vêm como ele se inscreve com todo o problema de um certo futuro, por sinal no interior de vocativos propriamente falando, de vocativos da vocação.

Eu lembro àqueles que não estavam presentes a diferença que há em francês, é uma fineza que nem todas as línguas permitem destacar, entre “tu és aquele que me seguirás” [*tu es celui qui me suivras*], e “tu és aquele que me seguirá” [*tu es celui que me suivra*]. Esta diferença de performance do Tu, aí é de fato, uma diferença atual do Eu [Je] na medida em que opera neste ato de falar que ele representa e que trata-se de mostrar mais uma vez, e neste nível, que o sujeito recebe sempre sua própria mensagem, a saber, aquilo que ele deve aí confessar-se, isto é, o Eu [Je] sob uma forma invertida, a saber, pela intermediação da forma que ele dá ao Tu. Este discurso, portanto o discurso que se formula a nível do segundo estágio, e que é o discurso de sempre - nós só distinguimos arbitrariamente esses dois estágios - esse discurso que, como todo discurso, é o discurso do Outro, mesmo quando é o sujeito que o mantém, é fundamentalmente a este segundo estágio o apelo do

II - 19 de novembro de 1958

ser com maior ou menor vigor. Ele contém sempre, e aí está mais uma vez um dos maravilhosos equívocos homofônicos que contém o francês: ele contém ainda mais ou menos um *seja* [sɔʒã]; em outros termos: um *fiat*, um *fiat* que é a fonte e a raiz daquilo que, da tendência, advém para o ser falante e se inscreve no registro do querer [voulair], ou ainda do Eu [J] enquanto que se divide nos dois termos estudados de um ao outro, do imperativo, do “levanta-te e anda” sobre o qual falei há pouco, ou, em relação ao sujeito, da instituição do seu próprio Eu [J].

A questão, se assim posso dizer, aquela que da última vez aqui articulei sob a forma do *Che vuoi?*, vocês vêem agora a que nível ela se coloca. Neste *Che vuoi?*, está, se assim podemos dizer, a resposta do Outro a este ato de falar do sujeito. Ela responde, esta questão, eu direi como sempre, ela responde essa resposta antes da questão a esta aqui, no ponto de interrogação amedrontador, cuja forma, mesmo no meu esquema, articula este ato de falar. Falando, o sujeito sabe o que faz? É justamente o que nós estamos nos demandando aqui, e para responder a essa pergunta Freud disse não. O sujeito no ato de falar, e enquanto este ato de falar vai bem evidentemente muito além que simplesmente sua palavra, já que toda a sua vida está presa em atos de falar, já que sua vida enquanto tal, a saber, todas suas ações são ações simbólicas - nem que seja porque elas são gravadas, elas estão sujeitas à gravação, elas são muitas vezes ação para tornar ato, e que, afinal de contas, tudo o que ele fará, como dizemos, e contrariamente ao que se passa, ou, mais exatamente, conforme a tudo o que se passa no juiz de instrução: “tudo o que ele fará poderá ser usado contra ele” - todas as suas ações serão impostas em um contexto de linguagem e seus próprios gestos são gestos que não são nada mais do que gestos a escolher num ritual preestabelecido, a saber, em uma articulação de linguagem. E Freud a isto: “Ele sabe o que faz?”, responde não. Não é nada além do que aquilo que expressa o segundo estágio do meu grafo. É, a saber, que este segundo estágio só vale a partir da questão do Outro, a saber: *Che vuoi?*, “Que queres?” [“*Qu'est-ce que tu veux?*”], que até o momento da questão, fica bem claro, permanecemos na ignorância e na estupidez...

Eu tento aqui fazer esta prova de que o didatismo não passa obrigatoriamente pela estupidez. Não pode, evidentemente, estar claro para vocês que, no que se baseia, a demonstração esteja alcançada!

Onde, portanto, em relação a esta questão, e nas respostas, o segundo estágio do esquema articula onde se localizam os pontos de recruzamento - entre o discurso verdadeiro que é tido pelo sujeito e que se manifesta como “querer” [“*voulair*”] na articulação da palavra - onde estes pontos de recruzamento se localizam, está aí todo o mistério desse símbolo que parece fazer opacidade para alguns dentre vocês.

Se esse discurso que se apresenta neste nível como apelo do ser, não é o que parece ser, nós o sabemos por Freud, e é isto que o segundo estágio do grafo tenta nos mostrar, nós só podemos, na primeira abordagem, nos espantar que vocês não o reconheçam, pois é o que Freud disse. O que é que nós fazemos todos os dias, se não for isto, de mostrar que neste nível, no nível do ato da palavra, o código é dado por alguma coisa que não é a demanda primeva, que está numa certa relação do sujeito com esta demanda, na medida em que o sujeito permaneceu marcado os seus avatares? É a isto que chamamos as formas orais, anais, e outras, da articulação inconsciente, e é por isso que não me parece levantar muitas discussões. Eu falo simplesmente como admissão das premissas que nós situamos aqui ao nível do código, a fórmula $\$ \leftrightarrow D$, o sujeito enquanto marcado pelo significante em presença da sua demanda como dando o material, o código desse discurso verdadeiro que é o verdadeiro discurso do ser neste nível.

Quanto à mensagem que ele recebe, esta mensagem eu já várias vezes fiz alusão a ela - lhes dei várias formas, todas não sem algumas razões mais ou menos deslizando, como aí está todo o problema da visada analítica, a saber, qual é essa mensagem - eu posso deixá-la por hoje, e neste tempo pelo menos, do meu discurso, em estado problemático, e o simbolizar por um significante presumido como tal. É uma forma puramente hipotética, é um **X**, um significante, um significante do Outro, já que é no nível do Outro que a questão é posta, de um Outro ausente por um lado, que é justamente o elemento problemático na questão que diz respeito a esta mensagem³.

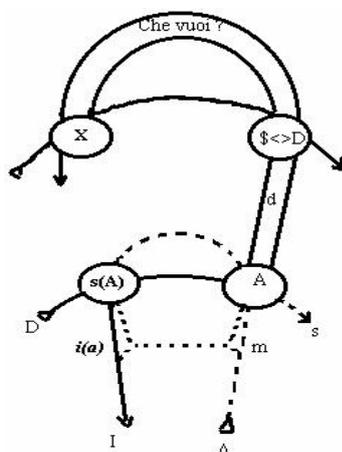


fig 6

Resumamos. A situação do sujeito ao nível inconsciente tal qual Freud a articula - não sou eu, é Freud que a articula - é que ele não sabe com que ele fala, precisamos lhe revelar os elementos propriamente significantes do seu discurso, e que ele também não sabe a mensagem que lhe chega realmente ao nível de discurso do ser - digamos verdadeiramente, se quiserem, mas este “realmente” eu não o recuso de forma alguma.

Em outros termos, ele não sabe a mensagem que lhe chega da resposta à sua demanda no campo do que ele quer. Vocês já sabem, vocês, a resposta, a resposta verdadeira, ela só pode ser uma: é, a saber, o significante, e nada mais, que é especialmente encarregado de designar justamente as relações do sujeito ao significante. Eu lhes disse, quero assim mesmo expressá-lo, porque este significante era o falo. Mesmo para aqueles que ouvem-no pela primeira vez, eu lhes peço aceitar isto, provisoriamente. O importante não está aí, o importante é que é para isto que ele não pode ter a resposta porque a única resposta possível é o significante que designa suas relações com o significante. A saber: se já estava em questão em toda a medida onde ele articula esta resposta, ele, o sujeito se apaga e desaparece. É justamente o que faz com que a única coisa que ele possa sentir disto é esta ameaça diretamente levada sobre o falo, a saber, a castração, ou esta noção da falta do falo que, em um sexo e no outro, é esta alguma coisa em que vem se terminar a análise, como Freud - eu lhes fiz notar - articulou.

Mas nós não estamos aqui para repetir essas verdades primárias. Eu sei que isto dá nos nervos de alguns, que brinquemos um pouco demais desde algum tempo com o ser e o ter, mas isto lhes passará, pois isto não quer dizer que no caminho nós não tenhamos uma colheita preciosa a ser feita, uma colheita clínica, uma colheita que permite no próprio

³ O **X** marca aqui a etapa da passagem de **S (A)** a **S(A)**, introduzido como tal pela primeira vez na Lição 7 (7 de janeiro de 1959) o **A** barrado /.

II - 19 de novembro de 1958

interior do meu ensino se produzir, com todas as características, aquilo que eu chamarei de ilusão [*chiquê*] médica.

Trata-se, agora, no interior disto, de se situar aquilo que quer dizer o desejo. Nós o dissemos, há portanto nesse segundo estágio também um tesouro sincrônico, há uma bateria de significantes inconscientes para cada sujeito, há uma mensagem onde se anuncia a resposta ao *Che vuoi?* e onde ela se anuncia, como vocês podem constatar-lo, perigosamente. Mesmo isto, eu lhes faço notar de passagem, história de evocar em vocês lembranças imajadas, que fazem da história de Abélard e de Héloïse a mais bela história de amor.

O que quer dizer o desejo? Onde é que ele se situa? Vocês podem notar que na forma completa do esquema, vocês tem aqui uma linha pontilhada que vai do código do segundo estágio à sua mensagem pela intermediação de dois elementos: **d** significa o lugar de onde o sujeito descende, e **\$** em frente do pequeno *a* significa - eu já o disse, portanto repito - o fantasma. Isso tem uma forma, uma disposição homológica à linha que, de **A**, inclui no discurso o eu [*ma*] (ou **m** do esquema, digamos “a pessoa inflada”⁴) com a imagem do outro [*i(a)*], isto é, essa relação especular que lhes apresentei como fundamental para a instauração do eu [*ma*]. Há aí, na relação entre os dois estágios, alguma coisa que merece ser mais plenamente articulada. Eu não o faço hoje, unicamente não porque não tenha tempo, pois estou aqui disposto a tomar todo o meu tempo para lhes comunicar o que tenho a lhes dizer, mas porque prefiro tomar as coisas de uma maneira indireta, porque ela me parece suscetível de lhes fazer sentir o alcance. Vocês não são desde então incapazes de tomar o que pode ter de qualidade o fato de que seja uma certa reprodução de uma relação imaginária ao nível do campo da hiância determinado entre os dois discursos, na medida em que esta relação imaginária reproduz homologicamente aquela que se instala na relação com o outro no jogo de imponência. Vocês não são incapazes de pressenti-lo desde então, mas é claro que é totalmente insuficiente pressenti-lo; eu quero simplesmente, antes de articulá-lo plenamente, deter-lhes um instante sobre o que comporta no interior, situado, plantado no interior desta economia, o termo desejo.

Vocês o sabem, Freud introduziu este termo desde o início da análise. Ele o introduziu a propósito do sonho e sob a forma do *Wunsch*, isto é, diretamente de alguma coisa que se articula sobre esta linha. O *Wunsch* não é, em si mesmo, por si só; o desejo é um desejo formulado, é um desejo articulado. Aquilo em que eu quero, por ora, retê-los, é na distinção do que merece - naquilo que eu instalo e introduzo este ano - ser chamado desejo e deste *Wunsch*.

⁴ DAMOURETTE, J. e PICHON, E., “La personne étoffée”, in *Des mots à la pensée. Essai de Grammaire de la langue française*, 1911-1940, t. 6, cap. VIII, Paris, 1970, d’Artrey.

II - 19 de novembro de 1958

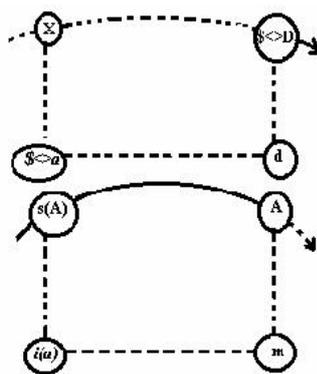


fig. 7

Vocês não deixaram de ler *A ciência dos sonhos*, e este momento em que eu lhes falo marca o momento onde nós vamos, nós mesmos, neste ano, começar a falar dele. Da mesma forma como nós começamos no ano passado pelo *dito espirituoso*, nós começamos este ano pelo sonho. Vocês não deixaram de notar desde as primeiras páginas e até o final, que se vocês pensarem no desejo sob a forma com a qual, eu direi, vocês estão lidando com ele o tempo todo na experiência analítica, que é, a saber, aquela onde ele lhes dá pano pras mangas, por seus excessos, por seus desvios, por, afinal de contas podemos dizê-lo, o mais freqüentemente por suas falhas. Eu quero dizer, o desejo sexual, aquele que prega peças (ainda que desde sempre, se exerça sobre todo o campo analítico em cima disto um acento de afastamento totalmente notável), aquele de que se trata constantemente na análise. Vocês devem, portanto, notar a diferença - à condição, é claro, de que leiam verdadeiramente, isto é, desde que vocês não continuem a pensar em suas coisinhas menores enquanto seus olhos percorrem a *Traumdeutung* - vocês perceberão que é muito difícil captar esse famoso desejo que em cada sonho pretensamente reencontramos em toda parte.

Se eu tomo o sonho inaugural, o sonho de injeção de Irma, do qual nós já várias vezes falamos, sobre o qual eu escrevi um pouco, (e sobre o qual eu rescreverei) e sobre o qual nós poderemos falar excessivamente muitíssimo tempo... Lembrem-se aquilo que é o sonho da injeção de Irma. O que ele quer dizer exatamente? Isto fica muito incerto mesmo naquilo que acontece. O próprio Freud, no desejo do sonho, quer fazer ceder Irma, que ela não seja mais, como se diz lá dentro, se arrepiando a respeito de todas as aproximações de Freud. O que é que ele quer? Ele quer despi-la, quer fazê-la falar, quer desacreditar seus colegas, quer forçar sua própria angústia até vê-la projetada no interior da garganta de Irma, onde ele quer apaziguar a angústia do mal ou do prejuízo causado a Irma? Mas este mal é, nos parece, sem recurso, ele é bastante articulado justamente no sonho. Será disto de que se trata, que não houve crime? E o que não impede que se diga que, já que não houve crime, tudo ia bem, já que tudo está reparado, pois tudo isso é devido ao fato de que tal e tal tomam singulares liberdades, e que é o terceiro termo o responsável, e assim por diante. Nós poderíamos seguir desta forma excessivamente longe.

Por sinal, eu lhes fiz notar que o próprio Freud sublinha, num ponto da *Traumdeutung* e com a maior ênfase, pelo menos até a sétima edição, que ele nunca disse em lugar algum que o desejo de que se trata no sonho seja sempre um desejo sexual. Ele também não disse o contrário, mas, enfim, ele não disse isso, isto para pessoas que, no nível desta sétima edição, o reprovam por isso.

Não nos enganemos nisso. Saibamos que a sexualidade aí está, sempre mais ou menos interessada. Só que ela o é de certa forma lateralmente, digamos, em derivação. Trata-se

justamente de saber porque, mas para saber porque, quero simplesmente um pequeno instante me deter aí nessas coisas evidentes que nos dão o uso e o emprego da linguagem, ou seja, o que é que quer dizer quando dizemos a alguém, se é um homem ou se é uma mulher, e, portanto, é preciso escolher que seja um homem, pois isto vai, talvez, acarretar algumas referências contextuais, como o que é que quer dizer quando dizemos a uma mulher “eu lhe desejo”? Será que isto quer dizer - com o otimismo moralizante sobre o qual vocês me vêem de tempos em tempos romper lances no interior da análise - será que isto quer dizer: “eu estou pronto para reconhecer ao seu ser tanto, se não mais, direitos que ao meu, a satisfazer todas as suas necessidades, a pensar em sua satisfação? Senhor, que sua vontade seja feita antes da minha!” Será isto o que quer dizer? Eu penso que basta evocar esta referência para provocar em vocês os sorrisos que eu vejo - felizmente! - se abrir nesta assembléia. Ninguém, por sinal, quando empregamos as palavras que convém, se engana sobre o que quer dizer o objetivo de um termo como este, por mais genital que ela seja.

A outra resposta é esta: “eu desejo (digamos para empregar os bons palavrões, em uso) transar com você”; é muito mais verdadeiro, é preciso reconhecê-lo, mas será isto tão verdadeiro assim? É verdade num certo contexto, eu diria social, e afinal de contas porque talvez, tendo em vista a extrema dificuldade de dar sua finalidade exata a essa formulação “eu lhe desejo”, não encontramos, afinal de contas, nada melhor para prová-lo.

Acredite em mim. Talvez baste que essa palavra não seja ligada aos incomensuráveis embaraços e louças quebradas que acarretam os propósitos que têm o sentido; basta, talvez, que esta palavra só seja pronunciada no íntimo para que tão logo vocês captem que se esse termo tem um sentido é um sentido muito mais difícil de formular. “Eu lhe desejo”, articulado no íntimo, se assim posso dizer, no que diz respeito a um objeto, é mais ou menos este: “você é bela”, em torno de que se fixam, se condensam todas essas imagens enigmáticas cujo fluxo se chama para mim meu desejo, a saber, “eu lhe desejo porque você é o objeto do meu desejo”. Dito de outro modo: “você é o denominador comum de meus desejos”, e só Deus sabe (se é que posso pôr Deus nessa história, e por que não?), só Deus sabe o que remexe consigo o desejo. É alguma coisa que na realidade mobiliza, orienta na personalidade muitas outras coisas que aquilo para o que a convenção parece se ordenar em seu objetivo preciso.

Em outros termos, para referir-nos a uma experiência infinitamente menos poética, também talvez, parece que eu não preciso ser analista para evocar quão rápido e imediatamente neste nível, a respeito da mínima distorção, como dizemos, da personalidade das imagens, quão rápido e ao primeiro plano vem surgir a respeito desta implicação do desejo, o que pode, o que o mais freqüentemente, o que direto aí aparece como prevalente - a saber, a estrutura do fantasma.

Dizer a alguém “eu lhe desejo” é mui precisamente lhe dizer, mas isto não é experiência que eu dou sempre, exceto pelos bravos e instrutivos pequenos perversos, pequenos e grandes, é dizer “eu lhe implico no meu fantasma fundamental”.

É aqui, já que eu decidi que não levarei este ano além de um certo tempo (espero me limitar a isso ainda), a prova que eu lhes peço de me entender; é aqui, bem antes do ponto onde pensava hoje concluir, que pararei.

Eu pararei designando este ponto de fantasma que é um ponto essencial, que é o ponto chave em torno do qual lhes mostrarei da próxima vez, portanto, a fazer virar o ponto decisivo onde deve-se produzir, se este termo de “desejo” tem um sentido diferente

II - 19 de novembro de 1958

daquele de “voto” no sonho, onde deve-se produzir a interpretação do desejo. Este ponto é portanto aqui, e vocês podem fazer notar que ele faz parte do circuito pontilhado que é aquele desta espécie de pequeno rabo que se encontra no segundo estágio do grafo. Eu gostaria de lhes dizer simplesmente, questão de lhes deixar um pouco com água na boca, que este circuito pontilhado, não é nada além do circuito no qual nós podemos considerar que giram - é para isto que ele é construído assim, é porque isto gira, uma vez que é alimentado pelo início, se põe a girar indefinidamente no interior - que giram os elementos do recalado. Em outros termos, é o local, sobre o grafo, do inconsciente como tal. É disto, e unicamente disto, que Freud falou até 1915 quando concluiu com dois artigos que se chamam respectivamente: *O inconsciente* e *O recalque*.

É aí que eu retomarei para lhes dizer a que ponto está articulado em Freud, de uma maneira que sustenta, que é a substância mesmo daquilo que tento lhes fazer entender no que diz respeito ao significante, é, a saber, que o próprio Freud articula claramente, do modo o menos ambíguo, alguma coisa que quer dizer: não são nunca, não podem ser nunca recalados senão os elementos significantes. Está em Freud! Só falta a palavra significante. Eu lhes mostrarei sem ambigüidade que isto de que Freud fala no seu artigo sobre *O inconsciente* concernente ao que pode ser recalado, Freud o designa, só podem ser significantes.

Nós veremos isso da próxima vez. E então, vocês vêem dois sistemas se oporem aqui: esse sistema aqui pontilhado, nós o dissemos, é isto de que se trata, é o local do inconsciente e o local onde o recalque gira em círculos até o ponto onde ele se faz sentir, isto é, onde alguma coisa da mensagem a nível de discurso do ser vem incomodar a mensagem a nível da demanda, o que é todo o problema do sintoma analítico.

Há um outro sistema. É aquele que prepara aquilo que eu chamo aí o pequeno patamar, a saber, a descoberta do avatar, descoberta porque já tínhamos tido dificuldade para nos acostumar ao primeiro sistema, quando Freud nos fez o benefício fatal de dar o passo seguinte, ele próprio, antes da sua morte, isto é, que Freud, na sua segunda tópica descobriu o registro do outro sistema pontilhado: pequeno patamar, é justamente isto a que corresponde sua segunda tópica. Em outros termos, é no que diz respeito ao que se passa, é na medida em que ele se interrogou sobre o que se passa ao nível do sujeito-pré-discurso, mas em função mesmo deste fato de que o sujeito que fala não sabia o que ele fazia falando, isto é, a partir do momento em que o inconsciente é descoberto como tal, que Freud, se vocês quiserem, para esquematizar as coisas, aqui procurou a que nível deste lugar original de onde isso fala, a que nível e em função de que, isto é, justamente em relação a um alvo que é aquele do desembocar do processo em I, em que momento se constitui o eu [*mo*] (isto é, o eu [*mo*] na medida em que deve se localizar em relação à primeira formulação, a primeira tomada na demanda do isso). É também aí que Freud descobriu esse discurso primevo enquanto que puramente imposto, e ao mesmo tempo enquanto que marcado por seu cerne arbitrário, que isto continua a falar, isto é, o sobre-eu [*sumo*]. É aí também, é claro, que ele deixou alguma coisa aberta, é aí, isto é, neste alicerce metafórico da linguagem, que ele nos deixou alguma coisa para descobrir, para articular, que completa sua segunda tópica e que permite restaurá-la, re-situá-la, restitui-la no conjunto de sua descoberta.